

12191 - I Curso de Agroecologia preparado pelo GEABio, Grupo de Educação e Estudos Ambientais da UFSC, na Serra do Tabuleiro, SC

ALMEIDA, Ana Paula Tridapalli de¹; MARTINS, André Ganzarolli¹; FERREIRA, Renan Yamashita¹; RODRIGUES, Marcelo¹; MARCON, Cássio Batista¹; HABIB, Daniel Jorge¹.

¹ GEABio - Grupo de Educação e Estudos Ambientais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), <<http://www.planetavida.ning.com/>>, ana.bioufsc@gmail.com

Resumo: A agroecologia, apesar de ser um tema cada vez mais recorrente na educação ambiental e nos debates sobre sustentabilidade, é pouco abordada nos cursos de Ciências Biológicas, Geografia e Agronomia, na UFSC. Como forma de suprir essa deficiência, o GEABio - Grupo de Educação e Estudos Ambientais da UFSC preparou um curso que aproximasse os participantes de princípios e práticas agroecológicas. A experiência ocorreu de 24 a 28 de agosto de 2011, num sítio na Serra do Tabuleiro, próxima ao litoral catarinense. Participaram 30 pessoas, em sua maioria estudantes universitários. Ao longo da vivência foram realizadas conversas e práticas sobre diversos temas, feita a recuperação de duas áreas em estágio de capoeirinha e o plantio de milhares de sementes. Também foram realizadas atividades artísticas e filosóficas, complementando a formação holística do grupo. A realização desta experiência foi intensa e positiva e motivou os participantes a continuarem as práticas através de projetos futuros.

Palavras-chave: Práticas, Curso, Estudantes, Santa Catarina

Contexto

O objetivo deste relato é registrar experiências vividas e compartilhadas por um grupo de estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no I Curso de Agroecologia do GEABio – Grupo de Educação e Estudos Ambientais, criado por estudantes de Biologia.

O curso ocorreu entre os dias 24 e 28 de agosto de 2011, em um sítio localizado no município de São Bonifácio, no entorno do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, maior unidade de conservação terrestre do estado de Santa Catarina, próximo ao litoral. Contou com 30 participantes e foi ministrado por Daniel Jorge Habib, publicitário e filósofo, que fez mestrado em Agroecossistemas pela UFSC e é doutorando em Agroecologia pela Universidade de Córdoba-Espanha.

Apesar de Agroecologia ser um tema cada vez mais abordado em debates sobre educação ambiental e sustentabilidade, percebe-se que ele é ainda pouco representativo nos currículos de cursos como Ciências Biológicas, Geografia e, inclusive, Agronomia. Percebendo essa deficiência acadêmica, o GEABio idealizou um curso que aproximasse os participantes de princípios e experiências agroecológicas, no qual fosse possível vivenciar novas possibilidades de produção de alimentos de maneira integrada com a dinâmica dos ecossistemas, onde o trabalho caminha no sentido de cooperação e não de dominação sobre a natureza. Além disso, e não menos importante, o curso surgiu da

necessidade vital de difusão e desenvolvimento, de forma dinâmica e prática, do pensamento holístico, ideia ainda embrionária em nossa sociedade.

Descrição da experiência

O curso em si foi um exercício de se guiar por um espaço sem caminho delimitado. As escolhas feitas e os passos seguidos iam sendo construídos juntamente com a ação de caminhar. Não havia um cronograma pré-definido; apenas anseios, vontades, experiências a trocar, um lugar a desvendar e ferramentas com as quais muitos não tinham intimidade. Uma prática permanente de co-orientação, construção coletiva e autogestão.

O primeiro dia se destinou, principalmente, a conhecer as pessoas com as quais iríamos conviver e fazer o reconhecimento e organização do local onde o curso aconteceria. As atividades rotineiras, como preparar as refeições, limpar e harmonizar os espaços e gerir o lixo eram todas de responsabilidade dos participantes. O grupo se revezava para a execução das tarefas e, coletivamente, as coisas aconteciam. Cada um dos espaços ganhou um caráter pedagógico, uma vez que aprendizagens surgiam das conversas e experiências trocadas.

No segundo dia, fizemos uma caminhada até o rio mais próximo e, no caminho, observamos a formação geológica da região e como as espécies vegetais estavam distribuídas na paisagem. Dialogamos sobre algumas plantas comumente avistadas, como o jerivá (*Syagrus romanzoffiana* – Arecaceae), e sobre seu potencial econômico quando bem manejado, assim como de outras espécies ali encontradas. Aprofundamos assuntos como: invasões biológicas; monoculturas; agroflorestas; planejamento da propriedade e valorização de recursos locais.

Neste dia também realizamos uma incursão em uma mata, em estágio de capoeira/capoeirão. Tivemos noções de técnicas de manejo para conciliar a produção de alimentos com a preservação da floresta, como, por exemplo, realizar plantios nas bordas e no interior da mata, retirando cipós e realizando podas para abrir espaço e permitir a entrada de luz, aumentando a produtividade de certas espécies. A poda também movimentava matéria orgânica aérea para o solo, que pode nutrir as espécies desejadas.

Durante a noite, tivemos contato, através de fotos e explanações, com uma série de possibilidades de cultivo, utilização de terrenos e construções menos impactantes ambientalmente (banheiros secos, cisternas para captação e sistema de aquecimento de água, casas de pedra e adobe, terraços irrigados).

A partir do terceiro dia, começamos as práticas na propriedade onde estávamos. Ao fazer o reconhecimento do terreno, notamos algumas características marcantes que poderiam ser a base para estudos e intervenções agroecológicas. Detectamos uma grande área tomada por samambaias. Estudamos possibilidades de manejar aquela área de modo a proporcionar maneiras para que mais espécies pudessem nela se instalar. Num primeiro momento, fizemos um mutirão para “dobrar” os ramos das samambaias, sem cortá-los. Dessa forma, a seiva não poderia mais circular pela planta, que morreria e não rebrotaria (o que normalmente acontece quando apenas se cortam os ramos).

Após o trabalho com as samambaias, na mesma área, iniciou-se o processo de construção de ninhos, utilizando galhos secos encontrados pelo chão, fixados com cipós. Estes ninhos realizam as funções de poleiro e galharia da nucleação (Reis *et al.*, 2003), pois servem como abrigo para a fauna de répteis e pequenos mamíferos e poleiro para aves, animais dispersores de sementes que trarão novas espécies para a área. Constitui também um acúmulo de material lenhoso que será lentamente degradado, depositando matéria orgânica no solo. Desta maneira, a área de entorno do poleiro torna-se, rapidamente, um núcleo de diversidade de espécies que se irradia por toda a região degradada, otimizando o processo de restauração.

Conversamos, ainda, sobre a possibilidade de, nós mesmos, espalharmos algumas sementes em toda a área e, nesta mesma noite, organizamos uma grande produção de “bombas de sementes”, que consistiam em uma esfera feita de terra e esterco, com uma mistura de sementes em seu interior, protegidas da dessecação e predação. Estas bombas mantêm a umidade e possuem nutrientes, necessários à germinação e desenvolvimento inicial das sementes. Desta maneira as sementes podem ser “plantadas” diretamente, simplesmente arremessando-se as bombas.

No quarto dia, empreendemos um trabalho de recuperação de uma área íngreme com solo exposto, que passava por um processo de acentuada erosão que, com o tempo e atuação das chuvas, poderia comprometer seriamente a estrutura de um galinheiro, localizado logo abaixo. Após refletir e discutir sobre a questão, concluiu-se que nenhuma técnica, isoladamente, resolveria o problema, assim, optou-se pela utilização de diferentes abordagens a fim de minimizar o processo erosivo.

Inicialmente, foram montadas barreiras na área, utilizando folhas secas de jerivá, galhos, troncos e bambus retirados da própria área. Estes materiais foram fixados em pequenas arvoretas, presentes no local, e entre si, utilizando-se de cipós e barbantes. Sobre estas barreiras foi acumulado material vegetal (galhos, folhagem, pedaços de bananeira) e foram plantadas sementes de espécies rasteiras que, rapidamente, cobrirão o terreno. A matéria orgânica acumulada propicia condições mais adequadas para a germinação e recrutamento destas espécies. O material vegetal foi utilizado também para preencher os buracos formados pelos sulcos de erosão, colocando-se várias pequenas estacas (formando uma grade) para impedir que ele fosse levado pelo escoamento.



Construção de ninhos (à esquerda) e técnicas de contenção de erosão (à direita).
Fotos: Daniel G. Martins e Renan Y. Ferreira

Ainda neste dia, fizemos o plantio de algumas sementes que levamos para o sítio (milho, feijão) e de outras que fomos guardando dos alimentos que comemos (abóbora, mamão, melão). Como a maioria dessas espécies precisa de sol para se desenvolver e de uma superfície para se apoiar (são trepadeiras), optamos pelo plantio em bordas de mata e nas proximidades dos ninhos, que fizemos no dia anterior. Também lançamos as “bombas de sementes” perto dos ninhos (para que as plantas recrutadas pudessem cobri-los) e em diversas áreas do sítio em que se desejava as espécies alimentícias. No fim do dia, tivemos uma aula de como afiar e manusear o facão, uma ferramenta muito utilizada em agroecologia.

No quinto e último dia de curso, acordamos cedo e fizemos uma trilha até uma cachoeira, conhecendo de perto uma mata ciliar bem preservada e formações geológicas. Aproveitamos o ambiente para conversar sobre o Novo Código Florestal Brasileiro e a atual situação da agricultura brasileira e mundial.

Ao retornar ao sítio, fizemos nosso último almoço, arrumamos a casa e nos despedimos, com a alegria do desfecho e a saudade dos dias que ali passamos.

Resultados

Os participantes aprenderam, nos cinco dias de vivência no curso, conhecimentos úteis à prática agroecológica, como saberes sobre astronomia, geologia, biodiversidade, ecologia, fisiologia e economia, cabendo destacar a aprendizagem de conceitos fundamentais: observação da natureza, atenção ao nicho e sucessão ecológica, valorização da diversidade e manejo da produtividade.

Também foram aprendidos conhecimentos que extrapolaram os objetivos mais óbvios do curso, como artes, música, culinária, filosofia, espiritualidade e vivência em comunidade, o que certamente contribuiu para uma aprendizagem mais prazerosa e holística do grupo, bem como o amadurecimento de cada um.

Duas áreas de capoeirinha foram inteiramente manejadas, dando início ao processo de recuperação da biodiversidade e foi realizada a contenção de uma área erodida. Milhares de sementes também foram plantadas ao longo da propriedade, que fixarão raízes na terra, dificultando a erosão das áreas e contribuindo para a recuperação do solo e, dentro de alguns meses, darão frutos para serem colhidos.

Cabe destacar que as práticas diversificadas, aliadas ao convívio intensivo e colaborativo entre os participantes, facilitaram o entrosamento e a sensação de bem-estar generalizada, criando amizades e fortalecendo vínculos afetivos saudáveis, essenciais à formação holística. A experiência positiva do I Curso de Agroecologia do GEABio potencializou a vontade de dar continuidade às práticas realizadas, através de projetos futuros, como novas visitas à propriedade e a criação de uma pequena área de estudos agroecológicos no Centro de Ciências Biológicas da UFSC e na comunidade no entorno.

Agradecimentos

Agradecemos, imensamente, a todos que apoiaram o curso: Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE - UFSC), pelo auxílio financeiro; Restaurante Universitário, pela doação de alimentos; Simbiosis – Empresa Junior da Biologia, e Ecotopias – Educação para Sustentabilidade, pela parceria; a Vanessa e toda sua família, pela gentileza de abrirem as portas do sítio para nós.

Gratidão aos demais participantes do curso: Anderson, André, Camila, Carol, Daniel, Diego, Fernando, Giancarlo, João, Julia, Conchinha, Juliana, Malu, Marcos, Mariah, Mariana, Marina, Max, Mayana, Petra, Renata, Ricardo e Vicente.

Bibliografia Citada

REIS, A.; BECHARA, F. C.; ESPÍNDOLA, M. B. de; VIEIRA, N. K.. Restauração de Áreas Degradadas: A Nucleação como Base para os Processos Sucessionais. **Revista Natureza & Conservação**. v.1, n.1, p. 28-36, abr. 2003.